

Rendição da guarda a cada trinta anos



Fernando Collor de Mello, aos 40 anos, e Luís Inácio Lula da Silva, aos 44 anos, chegam à boca do palco para encenar a partir do próximo ano, 1990, no governo ou na oposição, uma nova peça na vida brasileira. Essa renovação tem ocorrido de 30 em 30 anos, a partir da revolução liberal de 1930, repetida em 1960 pela ascensão de Jânio Quadros e João Goulart. Em 1930 chegou uma geração que teve sua principal expressão em Getúlio Vargas, o qual se candidatou a presidente com 46 e assumiu o governo com 47 anos, permaneceu no poder, direta ou indiretamente, por mais de 30 anos, mudando em profundidade a história do país. Com ele vinham Osvaldo Aranha, Capanema, Virgílio Melo Franco, Lindolfo Collor. Em 1960, chegaram a presidente e vice-presidente da República, Jânio Quadros, que se elegeu com 43 anos e assumiu com 44 (a mesma idade com que John Kennedy, no mesmo ano, assumia a presidência dos Estados Unidos) e João Goulart, também com 44. Ao lado deles e em torno deles desfilavam Leonel Brizola, 38 anos, governador do Rio Grande do Sul, Carlos Lacerda, 45, governador da Guanabara, Miguel Arraes, 44, prefeito do Recife.

A geração de 1960 tumultuou o país subvertendo a vida política com conspirações, renúncias, golpes, deposições, prisões, confinamentos, exílios. Ao fim de cinco anos estavam todos fora do país cassados e com os direitos políticos suspensos, destino a que não fugiria até mesmo o vitorioso no golpe de 1964, Carlos Lacerda. Mas, apesar disso, seus expoentes marcaram profundamente a vida nacional e os que sobreviveram iriam desempenhar papéis importantes no desenvolvimento da situação política. Então como hoje, eles representavam um desejo de mudança e punham de lado uma geração ainda na expectativa de ter contribuição a dar. Mas a história foi quase tão implacável como em 1930, um naufrágio do qual só os mais jovens como Otávio Mangabeira iriam sobreviver.

A geração agora capitaneada por Collor e Lula vem render a guarda, retirando de cena, além da memória de Tancredo Neves, políticos conhecidos como Ulysses Guimarães, Franco Montoro, Miguel Arraes e outros veneráveis personagens da campanha pelas diretas-já de 1984. Uma geração intermediária, na qual podem ser incluídos Waldir Pires, Mário Covas, Antônio Carlos Magalhães, Almino Afonso, José Aparecido de Oliveira, todos coadjuvantes do espetáculo dos anos 60, permanece em cena, na expectativa de ter ainda um papel a desempenhar antes de ir para casa ou para o arquivo. Alguns deles irão resistir pelo menos por mais uma década, mas, impacientes, há novos figurantes a pedir acesso ao palco.

Entre os nomes que surgem na cola de Collor e Lula já se identificam alguns que poderão se afirmar ou não, conforme se ajustem ao cenário e aos protagonistas, como acontece sempre. Na retaguarda de Lula inscrevem-se os nomes dos assessores — José Dirceu, secretário-geral do PT, José Genoíno, Gushiken, Mercadante, Frei Betto. Quase todos emergentes da luta clandestina contra o regime militar e militantes afirmados às vezes na luta armada. Atrás de Collor os nomes são Marcos Coimbra, Renan Calheiros, Zélia Cardoso de Melo, Paulo Otávio, jovens cuja crônica passa por outros parâmetros. Deles talvez Coimbra tenha sido o único a ter problemas com a polícia política durante a ditadura.

Mas os dois candidatos e as duas equipes (assessorados por gente de todas as idades) que disputam o governo, cabendo a um deles ocupar a oposição e a contestação pelo menos por algum tempo, têm origem comum. Ambos nordestinos, Lula nascido em Garanhuns, Pernambuco, e Collor no Rio mas filho de pai alagoano. O primeiro passou a infância no agreste, desceu num pau-de-arara para São Paulo, onde fez a vida, cresceu e apareceu. O segundo passaria parte da infância em Maceió como filho do governador. A adolescência em Brasília, filho de senador e estudante. Era meu vizinho e colega de meus filhos. Estagiou como jornalista na sucursal do **JORNAL DO BRASIL**, onde se preparou para ir com o irmão Pedro assumir as empresas da família nas Alagoas.

Conheci Lula no final dos anos 70. Presidente do Sindicato dos Jornalistas de Brasília, tive uns poucos encontros com ele, o bastante para perceber o raciocínio claro e o poder de comando que o levavam a identificar rapidamente o que importa e a conduzir o debate para o ponto essencial. Nisso ele é um craque e isso explica sua ascensão na liderança sindical e sua predominância no jogo político. É claro que homens ainda com o calor da juventude no sangue, como Collor e Lula, não chegam sem motivo à posição em que se acham. Ambos fizeram carreira política mais rápida do que a de Jânio Quadros, que levou exatos 13 anos para ir de vereador a presidente da República. Collor foi nomeado prefeito há 10 anos e teve seu primeiro mandato, de deputado, há sete anos. Lula emergiu na vida do país há também 10 anos e foi também em 1982, há sete anos, que disputou sua primeira eleição.

Que eles tenham melhor sorte do que Jânio, Jango, Lacerda, Arraes e Brizola. Que desempenhem a contento o seu papel e deixem na história algo melhor do que o dramático legado daqueles que, nos anos 60, chegaram ao poder pelo voto do povo e pela força do destino.

Carlos Castello Branco